



## MEMÓRIAS DE UM CONFLITO: O ÍNDIO NO DIÁLOGO ENTRE O COTIDIANO E O CONTEXTO SOCIAL ENVOLVENTE

Luan Moraes dos Santos<sup>\*</sup>  
José Adelson Lopes Peixoto<sup>\*\*</sup>

1

**Resumo:** Este trabalho tem como principal objetivo descrever fatos rotineiros da comunidade indígena Xukuru-Kariri da Mata da Cafurna (Palmeira dos Índios-AL) em contextos sociais decorrentes do processo de assimilação da cultura dos não índios. Permeia os conceitos de memória e história oral, tendo como fontes metodológicas principais, relatos colhidos durante pesquisa de campo na Aldeia Indígena Mata da Cafurna. Pretende-se analisar de que forma o cotidiano da comunidade indígena vem se relacionando com o desenvolvimento do Município de Palmeira dos Índios. A pesquisa é fundamentada em pressupostos teóricos de Carrara (2003), Le Goff (1994), Peixoto (2011), Silva (2007) e Silva Júnior (2013). Este estudo contribui com a discussão sobre o cotidiano indígena na aldeia frente ao processo de demarcação territorial que tramita na justiça e ocupa o centro das discussões na cidade de Palmeira dos Índios-AL.

**Palavras-chave:** Etnografia. História. Memória.

**Resumen:** Este trabajo tiene Xukuru-Kariri del bosque de Cafurna (el árbol de Palmera de índios - AL) como el objetivo principal de describir los hechos rutinarios de la comunidad autóctona en contextos sociales en curso del proceso de la asimilación de la cultura de los non indios. Se extienden por los conceptos de la memoria y la historia oral, cuidan tan fuentes metodológicas principales, informes escogieron durante investigación de campo en las matanzas de pueblo indígenas de Cafurna. Quiere que analizar eso moldee el diario de la comunidad autóctona venir con el desarrollo del distrito municipal del árbol de Palmera de los Índios si se relacionando. La investigación es fundada hacia dentro presupuesto teórico de Carrara (2003), Le Goff (1994), Peixoto (2011), Silva (2007) y Silva Júnior (2013). Este estudio contribuye con la discusión sobre el diario autóctono del delantero de pueblo al proceso de demarcación.

**El Word-la tecla:** Etnografía. Historia. Memoria.

---

\* Graduando do Curso de História da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL Campus III Palmeira dos Índios, membro do Grupo de Pesquisa em História dos Povos Indígenas de Alagoas – GPHI/AL e pesquisador voluntário PIBIC/FAPEAL.

\*\* Graduado em História pela UNEAL. Mestre em Educação e Antropologia. Professor de História Indígena no Curso de História da UNEAL Campus III Palmeira dos Índios e coordenador do Grupo de Pesquisa em História dos Povos Indígenas de Alagoas – GPHI/AL.



## **Notas introdutórias: a necessidade de situar a pesquisa**

Quando propomos no título a ideia de ‘memórias’, é porque a pretensão desta pesquisa é formular discussões quanto ao que podemos observar nos relatos deixados pelos mais velhos e como esses causos podem se revelar como representativos de uma história de lutas e conquistas. Tendo em mente que o conteúdo oral deve ser questionado, pois, nem sempre representa a lembrança da comunidade e, como tal, pode simplesmente traduzir a ótica de uma pessoa ou de um grupo restrito.

Os fatos aqui relatados são, em sua maioria, fragmentos do cotidiano da comunidade que vive na Aldeia Indígena Mata da Cafurna, localizada a 6 km do centro da cidade de Palmeira dos Índios - AL. As terras nas quais se formou a Aldeia foram retomadas em 01/12/1979 e desde então abrigam uma comunidade que se faz presente pela força de seu artesanato, cultura e também nas apresentações do Toré, dança típica dos povos indígenas do Nordeste.

O processo histórico de formação e consolidação do município de Palmeira dos Índios presenciou o silenciamento da cultura indígena local, quer por preconceito ou pela imposição dos poderes políticos, de modo que os indígenas desenvolveram desconfiança indo habitar a região serrana de onde a visão é mais ampla e caso de invasão e ameaça. Ao longo da história, foram obrigados a se negar enquanto etnia e a se misturar com culturas estranhas a sua, a realizar seus rituais sagrados na escuridão da noite e na ilegalidade.



Ainda na atualidade o preconceito é latente, são taxados de preguiçosos, de ladrões e até mesmo de interesseiros. Isso sem falar da maneira pejorativa que são vistas suas danças e rituais, sendo este último elemento mantido fora do alcance, do controle e da interferência do não índio, sendo o principal elemento diacrítico da sua identidade. Por outro lado, são usados de forma lucrativa, uma vez que seu etnônimo “Xucuru” jaz estampado em vários estabelecimentos comerciais da cidade e são referenciados em antigas lendas sobre a fundação e emancipação de Palmeira dos Índios.

A história de Palmeira dos Índios é ancorada na história do povo Xucuru-Kariri, mas este povo não é reconhecido como verdadeiro dono desta terra, isso ocorre por causa do jogo político que, envolve a disputa pela posse das suas terras, até então parceladas e ocupadas por pequenos produtores, na sua maioria, manipulados pelos grandes oligarcas, com os quais está a maior parcela de tal território, marcado pelos vestígios<sup>1</sup> comprobatórios da posse imemorial dos indígenas.

### **A ideia Positivista de assimilação: reafirmação e ressurgência dos Xucuru-Kariri**

Tentativas de integrar o povo indígena a população nacional não cessaram. Como por exemplo, a extinção de seus aldeamentos e a proibição do culto a sua religião. Eles tiveram a existência de suas aldeias

---

<sup>1</sup> A terra que compõe a área em litígio é marcada por cemitérios indígenas, como já foi comprovada por achados arqueológicos de Clóvis Antunes (1973), Luiz B. Torres (1973) e Estevão Pinto. Alguns materiais líticos e cacarias das escavações encontram-se expostos no Museu Xucurus de História, Artes e Costumes, no centro da cidade de Palmeira dos Índios.



negadas e se viram cerceados no direito a vivência da sua cultura. “Nesse caso, o silêncio tem razões bastante complexas.” (POLLAK, 1989, p. 6) Emudeceram suas vozes e maracás, para garantir a sobrevivência de seu grupo.

Não restaram muitas formas de sobreviver senão, formulando e reformulando estratégias de invisibilidade cultural e inserção no cotidiano da sociedade que os cercava, “[...] prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível [...]” (POLLAK, 1989, p. 4) sobre isso Aldemir B. da Silva Júnior enfatiza que:

Dentre essas estratégias está a da invisibilidade, entendida como referência à existência de um movimento indígena subterrâneo, em construção. Nesse contexto, o índio é apresentado como sujeito ativo no processo de aldeamento, mesmo que este resulte na instalação do Posto Indígena. Ao observar as iniciativas dos índios nesse período, percebe-se a aldeia como avanço estratégico, algo pretendido pelos grupos. (SILVA JÚNIOR 2013, p 15)

Segundo o evidenciado acima, a criação de postos indígenas levava consigo interesses não só dos índios, mas também os interesses das classes mais privilegiadas da sociedade envolvente, que buscava fazê-los depender de suas vontades, tendo que se conformar com o que lhes coubera; “[...] afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa.” (POLLAK, 1989, p. 4)

É durante este processo, que surge primeiramente a Aldeia Fazenda Canto, tendo como órgão responsável o Posto Indígena Irineu dos



Santos, e no final dos anos setenta, do século XX, a Aldeia Mata da Cafurna. Até chegar aos dias de hoje sob a tutela da FUNAI, tendo se formado ainda outras Aldeias (Coité, Cafurna de Baixo, Boqueirão, Serra do Amaro e Capela).

Passemos agora a descrição e análise de um dia junto aos habitantes da Aldeia indígena Mata da Cafurna, memórias de histórias e conversas despreziosas que revelam o quanto ainda existe da colonização no seio das comunidades tradicionais. Vale lembrar que estas análises partem de pesquisa de campo realizada na aldeia desde o ano de 2013.

### **Visitando a Aldeia Indígena Mata da Cafurna: Ecos de um passado ainda presente**

A Mata da Cafurna abriga a barragem que, abastecia a cidade de Palmeira dos Índios, até os anos sessenta do século XX com a chegada da Casal, quando o Estado assumiu o abastecimento da região. Daí por diante a Barragem ficou abandonada, o que causou tensão entre os Índios e os habitantes da cidade de Palmeira dos Índios. A barragem foi reformada nos dias atuais, depois de um longo processo que fomentou medo tanto por parte da população quanto por parte dos Índios.

Durante visita a Aldeia Indígena Mata da Cafurna em 2013, encontramos por lá Dona Salete Santana sentada em sua varanda, costurando em sua máquina e contando as histórias que sua experiência de vida lhe relegou, uma fêmea de papagaio estava dependurada de cabeça para baixo, no telhado, espreitando curiosamente os visitantes.



Nessa ocasião fomos bem recebidos por ela e seu esposo o Sr. Antônio que esperava ansioso, sentado em sua cadeira preguiçosa, pelo futebol. Convidou-nos a tomar um cafezinho e durante a socialização e movida por comentários quanto à procedência de tal máquina, dona Salete nos relatou o seguinte:

Eu juntava uns pedacinho(sic) de pano e costurava à mão para fazer umas roupa, mas era difícil e o meu sonho era ter uma máquina de costurar para poder fazer mais rápido as roupas pros menino, e Antônio tava(sic) trabalhando como pedreiro na construção da Igreja. Então ele pediu ao Padre Odilon para comprar a máquina pra mim que depois era só ir tirano no dinheiro que ele tinha que pagar a Antônio (sic).

Ao falar que seu esposo trabalhou na “construção da igreja” (sic), D. Salete quis explicar que, estava sendo feita uma reforma na da Catedral diocesana de Palmeira dos Índios de acordo com Tiago B. da Silva: “Começam os trabalhos da última grande reforma da Catedral Diocesana de Palmeira dos Índios no dia 04 de Abril de 1968 perdurando os trabalhos até 1976. [...]” (SILVA, 2009 p. 34) O padre comprou a máquina de costuras para ela e acertou que descontaria o valor, em parcelas, do pagamento do trabalho que o Sr Antônio realizava na reforma da catedral. Com isso constatamos que o contato entre os índios e a igreja era comum.

O relato anterior evidencia o contato dos índios com a igreja e como esta aplicava a mesma política do Estado ao incorporar sua mão de obra, é o que “entende-se por proletarização étnica a integração do índio



ao sistema capitalista por meio da venda de sua força de trabalho”. Este é um exemplo da maneira como o cotidiano do índio tem influenciado no contexto social e também na história da cidade de Palmeira dos Índios, pois participaram da construção de um monumento de importância, mesmo que tenha passado como despercebido eles deixaram indícios de sua proletarização, e de como aprenderam técnicas de construir e edificar, as quais incorporaram a sua cultura.

Após o relato minucioso de D. Salete sobre a compra da máquina de costuras, fomos visitar a Escola Estadual Indígena Mata da Cafurna que oferece alfabetização e o ensino fundamental I (do 1º ao 5º ano) as crianças da Aldeia. A escola, na ocasião da visita havia sido recentemente reformada, e contando com um laboratório de informática. Visitamos cada sala e, ao ir no pátio, nos deparamos com uma Jaqueira que, se encontra dentro da área da escola. Segundo Dona Tânia, diretora da Escola, foi por mais de um ano o abrigo do seu povo recém-chegado ao que mais tarde seria a Aldeia. Ela era ainda criança na época quando se deu a retomada da terra, que estava destinada a construção de uma faculdade. Temendo a destruição da mata lá existente eles se mobilizaram e ocuparam a terra, obtendo seu direito de uso-fruto.

Segundo Le Goff, “A memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. ” (LE GOFF, 1994 p. 419) Partindo dessa ideia, é possível dizer que os Xukuru-Kariri foram sofrendo influências de outras culturas, assimilando conhecimentos e adquirindo



elementos importantes para fortalecer sua cultura como os ofícios de pedreiro, carpinteiro, marceneiro e ajudante que foram preponderantes para a mudança das tradicionais habitações para as atuais.

Como resultado dessa intensa assimilação cultural, incorporaram novos elementos ao cotidiano, pois ao se adaptarem às novas culturas, certamente abriram mão de elementos particulares e significativos da sua cultura, e assimilaram elementos novos que vieram a ser utilizados como diacríticos ou marcadores sociais para (re)definir sua identidade cultural.

Um bom exemplo disso é a mudança das ocas, ou as tradicionais casas de taipa para as casas de alvenaria, devido ao medo de terem suas ocas queimadas, ou por questões de saúde, pois as casas de taipa podem se tornar abrigo do barbeiro, o vetor da doença de Chagas. A situação obrigou-os a se adaptarem e a se redefinirem enquanto membros de uma comunidade específica.

A memória resultante do processo de assimilação cultural norteia esta pesquisa. Portanto podem revelar o contexto social em que a comunidade indígena se encontrava em dada época. Aquilo que foi apreendido pela consciência dos indivíduos, se aderiu ao cotidiano deles e mudou a forma de ver o mundo, grosso modo, aconteceu também uma troca de ideologia. Sobre isso, o professor Edson Silva enfatiza que:

A análise de narrativas colhidas por meio de entrevistas nos permite perceber como acontecimentos históricos foram relidos [...] em determinados contextos e situações, também como a





essas leituras foram atribuídos significados para a afirmação da identidade indígena. (SILVA, 2007, p. 01)

Ao atuar na reforma da igreja matriz de Palmeira dos Índios, os indígenas fizeram com que o padre lhes ajudasse, em troca de sua força de trabalho; os índios passam então a tornar seus os hábitos e os momentos históricos importantes, pois isto convinha para sua sobrevivência e a permanência do povo como um coletivo. E das serras, contemplam a cidade que se formou acima dos túmulos de seus ancestrais; a mesma cidade onde de dia trabalham, tirando seu sustento.

A trajetória dos povos Xukuru-Kariri de Palmeira dos Índios – Alagoas está marcada, pela luta épica contra a opressão dos posseiros e da mídia local. Também foi possível observar que os índios tiveram que se adaptar as mudanças sociais e a se camuflar entre os habitantes da cidade, não assumindo sua etnia e até mesmo sendo considerados extintos, seres do passado. Mas que através de sua religião e cultura passaram a assumir suas origens se organizando e retomando uma ínfima parte seu território, contudo ainda enfrentam os posseiros que tem se organizado, atuando dentro e fora dos plenários.

Os relatos aqui apresentados constituem parte do cotidiano da Aldeia Indígena Mata da Cafurna; um cotidiano que penetra no imaginário social de Palmeira dos Índios, formando uma imagem generalizada e taxativa; dos índios como marginais, preguiçosos e hediondos, pois que as elites latifundiárias detêm a posse da mídia. Assim:



As experiências de cada um nos falam dos lugares sociais ocupados pelos diversos sujeitos que habitam, moram, trabalham e se divertem na cidade, e elas são constantemente ressignificadas e atualizadas pelas memórias, que nos chegam pela via das narrativas. (CARDOSO, 2007, p. 178)

Nesse ínterim “[...] as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros.” (MOSCOVICI, 2003, p. 8) E é assim, por meio de representações sociais que, o povo de Palmeira dos Índios enxerga os Xukuru-Kariri como dilapidadores negando qualquer indício de sua cultura, pois não se aparentam como os índios amazônicos já que são, tecnicamente, misturados.

### **Notas conclusivas: perspectivas de uma nova realidade**

Ao observar a situação da aldeia nos tempos atuais, foi possível constatar que problemas comuns ao ambiente da cidade também se encontram, mesmo que de formas diferentes inseridos no seio da comunidade indígena, que são resultados da assimilação cultural descrita. Entretanto, a sociedade envolvente, tem seus olhos vendados pela mídia local que está sob o controle dos grandes posseiros e políticos da região. Assim influenciados passam a atribuir vários adjetivos e impropérios aos Índios que buscam maior reconhecimento perante a sociedade.



Os conflitos oriundos na disputa pela posse da terra têm criado momentos de enfrentamento e de reclusão, de visibilidade e de invisibilidade como recursos de sobrevivência do povo Xucuru-Kariri que se esforça para resgatar e transmitir seus costumes e crenças, todavia mesmo com o dialeto nativo já perdido, eles têm passado alguns vocábulos restantes aos mais novos. Desta forma deve-se dar ênfase a importância da escola no seio da Aldeia, como importante percussora da cultura.

No entanto o Índio que é apresentado hoje é resultado das sucessivas perseguições, do escravismo, da catequese, do preconceito e da privação de sua terra e religião. E ainda, mesmo que a sociedade tente permanecer relutante em aceita-lo não como uma simples parte da História, mas como parte essencial, pois sua presença já não pode mais ser simplesmente ignorada já que estão ganhando espaço nos vários setores da sociedade e até mesmo na política. Pois a invisibilidade não tem mais sentido, já que só se tem atenção quando ganha visibilidade, deixando de ser uma lenda para confirmar sua presença na realidade.

## Referências

- CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. **Os “anos dourados”**: memória e hegemonia. ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 169-184, jan.-jun. 2007
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994 p. 419.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social; editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.



POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SILVA, Edson. **História, memórias e identidade entre os Xukuru do Ororubá**. 2007.

SILVA, Tiago Barbosa da. **Poder Sagrado: A Visibilidade e a Projeção da Igreja**

Católica em Palmeira dos Índios. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL Campus III Palmeira dos Índios, 2009.

SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. **Aldeando Sentidos: os xucuru-kariri e o serviço de proteção aos índios no agreste alagoano**. Maceió: EDUFAL 2013.